

LÍNGUAS ITÁLICAS

O grupo itálico é constituído pelo latim-falisco e outra ^{pele} osco-umbro. Com êste se relacionam os dialetos sa latim falaremos mais desenvolvidamente em outro ponto. Agora nos apenas do osco-umbro.

a) O osco, falado ao sul de Roma, ^{pelos habitantes da Campânia} era ^{mais ou menos} principalmente dos samnitas (Sâmnio). ^{Especially in} Depois se difundiu pela ^{também} Campânia, Apúlia, Abruzos e Sicília. Atingem ao número de 230 as inscrições oscas. A ma parte data do período compreendido entre os anos de 200 e 90 a.C.. A ma extensa e importante delas é sem dúvida a Tábula Bantina, assim chamada ^{no ano de 1790?} por ter sido descoberta na cidade de Bântia (Apúlia). Trata-se de municipal, gravada em caracteres latinos. Vem depois o Cippus Abellanus, que contém um tratado de paz celebrado entre as cidades de Nela e Abela. As outras são em geral curtas e, por isso, de menor importância. Em algumas são usados os caracteres gregos; em outras o alfabeto nacional, que era uma adaptação do alfabeto etrusco.

O osco não possuía uma literatura escrita. As Fabulae Atellanae eram improvisadas. Toda a sua documentação tem assim um caráter utilitário. O que dele se conhece é o bastante para considerá-lo um dialeto conservador dos traços do indo-europeu. Desfrutou o osco de algum prestígio por ocasião da Guerra Social (90-89 a.C.), em que se tornou língua oficial dos povos itálicos, rebelados contra Roma. Continuou a ser falado até o séc. I, como o atestam as inscrições das ruínas de Pompéia. Exemplo de uma inscrição osca: Nep deikum nep fatium pútiad. Corresponde-lhe em latim: Nec dicere nec fari possit.

b) O umbro era falado ao norte de Roma, na região situada entre ^{à esquerda do Arno e} a esquerda do Tibre e ^{o vale da} a direita do Nar, ao sul. Ao contrário do osco, revela-se inovador. Os antigos consideravam as populações de dialeto umbro como os primitivos habitantes da Itália. Plínio, diz textualmente: Umbrorum gens antiquissima Itálicae existimatur. (Hist. Nat., III, 112). Ca tão assinalava que a fundação de uma de suas cidades, Améria, se verificou

ra em data muito antiga, pelo ano de 1133 a.C., o que parecem confirmar as mais recentes descobertas arqueológicas.

Estendiam-se essas populações, a princípio, ^{que se estende de um vale ao outro do Pó até o curso inferior da Tevere} por uma vasta área. Batidas pelos gauleses de um lado, os quais os expulsaram do vale do Pó, e pelos etruscos do outro, que os rechaçaram para as regiões montanhosas do centro, as populações úmbricas concentraram-se, por fim, no território que acima assinalamos.

Quase tudo o que sabemos do umbro, devemos-lo às Tabulae Iguvinae. Estas tábuas, que são de bronze, em número de 7, foram descobertas ^{na cidade italiana de Gubbio (antiga Iguvium) na Umbrina} na pequena cidade italiana de Gubbio ^{(antiga Iguvium) na Umbrina}, no ano de 1444. Estão escritas parte no alfabeto nacional (Ia-Va), adaptação do alfabeto etrusco, parte no alfabeto latino (Vb-VII). Remontam ao séc. II ou I a.C.. Contém prescrições do colégio sacerdotal dos Irmãos Atieddi de Iguvium, referentes ao ritual do sacrifício. Graças aos esforços de lingüistas eminentes como Bréal, Bücheler e Devoto, pode-se dizer que a sua interpretação não oferece hoje maior dificuldade.

Constituem as Tabulae Iguvinae o mais extenso texto até agora conhecido em umbro. Consta o resto de curtas inscrições, colhidas em várias localidades, onde outrora dominou este povo.

O conhecimento que se tem do umbro é completo no que tange à declinação dos nomes. Já o mesmo não se pode dizer da conjugação verbal, onde há muitos claros a preencher.

Foi falado até o começo da Era Cristã. Nas regiões mais afetadas, entretanto, e no vale dos Apeninos, ~~resistiu mais tempo~~, ^{até se havia totalmente} e só se extinguiu ^{nestes séculos} nos primeiros séculos de nossa Era. Exemplo de uma inscrição umbra: vesclir alfir persnimu superne adro trahuorfi andendū. Traduz-se em latim: vasculis albis prelator super atra transverse intendito.

Os principais característicos ~~consoantes~~ ^{na fonética} do osco-umbro, em relação ao latim-falisco, podem assim ser resumidos: 1) as consoantes velares indo-européias transformam-se respectivamente em p e b (lat. q e u): pis (osc.), pisit (umbr.) - quis (lat.), benurent (umbr.) - venrent (lat.), kūnbenet (osc.) - convenit (lat.); 2) os grupos nd e cs (x) sofrem assimi-

leção, donde nn, ss (^{Heautim 7} lat. nd, xt) : úpsannam (osc.), - operendam (lat.), ^{sa Kraanus} destram-e (umbr.) - in dextram (lat.); 3) as aspiradas indo-europeias *bh, *dh dão f (lat. b, d): mefiaí (osc.) - medias (lat.), tefe (umbr.) - tibi (lat); 4) o grupo ns modifica-se em f ou ss (lat. s): úttiuf (^{oitiôn-s} osc.) - usus (lat.), viass (*vians), mias (lat.); 5) os grupos kt (kt), ^{Latinus} st, ^{Castroprandium} passam a st (^{sa} lat. st, st): rehte (umbr.) - recte (lat.), scritas (osc.) - scriptae (lat.); 6) o -ã final transforma-se em -o, ^{u (lat. &)} viu (osc.) - uis (lat.), molto (osc.), mutu (umbr.) - multa (lat.); 7) a síncope das vogais breves ^{medias e finais} interiores é freqüente : astud (osc.), aitu (umbr.) - agitō (lat.), factud (osc.) - facitō (lat.), hūrz (osc.) - hortus (lat.).

Na morfologia também não são pequenas as discordâncias dos dois grupos, que passaremos a assinalar de modo sucinto : 1) o gen. sing. dos nomes de tema em o/e e ⁻ⁱ⁻ consoante termina em -eis (^{ovr} -es) (^{ovr} lat. -i, -is): Kenas, ^{eis} surinus (osc.) - Censorini (lat.), kapres (umbr.) - capri (lat.), Lúvkana- teís (osc.) - Lucanati (lat.); 2) o nom. plur. dos temas em -a e -o/e- são formados respectivamente com as terminações -ās, -ōs (lat. -ae, -i): aasas (osc.) - arae (lat.), urtas (umbr.) - hortae (lat.), Abellanús (osc.) - Abellaní (lat.), Ikuvinus (umbr.) - Iguvini (lat.); 3) o infinitivo apresenta o sufixo -em (lat. -se), -re: estum (osc.), erom (umbr.) - esse (lat.); 4) existência de um fut. perfeito sigmático, estranho ao latim; 5) a ausência de perfeito em -ui ou -vi, de que o latim fazia grande emprego.

3) Aparentados com o osco e o umbro, há que mencionar os diale- tos sabélicos, falados por várias populações : hémicos, volscos, équos, marsos, sabinos, marrucinos, pelígnos, vestinos, picientinos, pretúcios, etc., que se achavam localizados em regiões montanhosas, vizinhas da área ocupa- da pelos dois povos anteriores. De alguns só restam pequenas inscrições que nos revelam alguns traços de sua fisionomia particular, como é o caso do sabino. De outros nada existe, ou o que existe é tão pouco que não se pode fazer uma idéia justa a seu respeito. Todos êsses dialetos foram inteiramen- te absorvidos pelo latim, do mesmo modo que o osco e o umbro. Segundo Stolz, a latinização dessas populações se verificou em várias épocas. Assim, a dos sabinos e équos, no séc. III a.C.; a dos volscos e marsos, no séc. II a. C.

Caracteres menores

a dos pelignos, marrucinos e vestinos, no séc. I a.C.. À época de Augusto, estava quase completo o trabalho de abstração. Vejamos uma inscrição sabélica em dialeto peligno : ecuf incubat casnar oisa aetate. Corresponde-lhe em latim: hic incubat senex usa aetate.